



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVÓLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODEABRIR-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL
DE04912011GRC



Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

QUINZENÁRIO

Fundador: Padre Américo
Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

17 de Dezembro de 2011 • Ano LXVIII • N.º 1768

Preço: € 0,33 (IVA incluído)

Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

NIB: 0045 1342 40035524303 98 • IBAN: PT50 0045 1342 40035524303 98 • BIC/SWIFT: CCCMPTPL

Redacção, Administração, Oficinas Gráficas:

Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa
Tel. 255752285 • Fax 255753799 • E-mail: obradarua@iol.pt
Cont. 500788898 • Reg. D. G. C. S. 100398 • Depósito Legal 1239



Natal

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

Olharmos o acontecimento do Natal, obrigatoriamente a nossa consciência nos aproxima do valor do dom da vida, porque Natal é Nascimento — do Filho de Deus enviado ao mundo, fazendo-Se criança, assumindo a nossa carne e condição humanas.

A falsidade em que parte da nossa sociedade continua a transformar o Natal — em mais uma festa para a diversão e o gozo dos sentidos — é o mesmo manto com que esconde a realidade de tantos nascimentos de outros, seus semelhantes, para a morte.

Se noutros tempos, em que se deu um grande salto na dignificação do ser humano, se procurou renovar o que era pagão impregnando-o de espírito cristão, hoje faz-se o inverso, pagando o que é sinal dos dons cristãos na vida humana, até que fiquem asfixiados.

Este prender dos valores do espírito é uma marca característica da actual mentalidade dominante. O que determina o direito não é o ser mas o ter. Direito a ter filhos, só quem tiver; quem for pobre, fica sem eles. Direito a nascer ninguém o tem, porque a única coisa que possui é o ser.

No Natal também foi difícil ao Menino Jesus encontrar um lugar para nascer. E logo que nasceu procuraram tirar-lhe a vida. Esta tentativa de asfixia da vida não começou agora.

Hoje há muitas pessoas que, não sendo crianças, têm a sua vida amordaçada, no seu corpo e na sua alma. Quem vive a angústia de não ter que comer, que vestir, onde se abrigar, onde tratar as suas enfermidades, partilha involuntariamente as angústias da Família de Nazaré, esta que se constituiu para anunciar àqueles a mensagem da espe-

rança, a Boa Nova de uma realidade nova que para eles virá.

Há ainda aqueles que, pelas mesmas razões, não podem criar seus filhos, e não os querem entregar ao poder autoritário do Estado que lhes arrancaria pelo corpo e pelo espírito. Há meia dúzia de décadas, quantas mães não entregaram a Pai Américo os seus filhos por não terem meios nem estabilidade para os criar, sem nunca os perderem? Hoje é impossível, especialmente quando muito pequenos, pois o Estado cair-nos-ia em cima e no-los arrancaria sem apelo, das nossas mãos.

Quanto mais perfeita à maneira do mundo, menos sensível e menos humana se torna a sociedade dos homens; o mundo ganha, mas o homem perde.

O hino à vida que deveria ser a celebração de cada Natal, vem-se tornando, cada vez mais, pelas ruas e casas da Cidade, um tempo de luzes artificiais.

Padre Júlio



PENSAMENTO

Pai Américo

Ele é tão fácil seguir e acreditar no mundo que se diverte, como é difícil conhecer e consolar o mundo que sofre. Muito mais fácil fazer derramar lágrimas do que saber enxugá-las. Mais cómodo dizer que não há tугúrios do que chorar a existência deles. □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

Património tenta ver a vida dos pobres, junto deles. Não sonha alto, não olha para as leis, os relatórios ou, até, as notícias dos jornais. Vai lá e vê com os próprios olhos. A prática, o senso e o sentido real da vida são lentes eficazes que põem as coisas e as pessoas no seu lugar próprio.

Estive na sua (casa?) com muitas janelas partidas e desguarnecida de electrodomésticos e prometi-lhe consertar as janelas, mas... nunca mais lá fui.

As aflições seguem-se em catadupa e a gente acode as que tem mais vivas no coração e, sem querer, esquece as outras.

Veio até nós pedir roupa, comida e um fogãozinho mais o pagamento das receitas, já não fala em frigorífico nem esquentador que ela cheirava mal que tresandava.

Demos-lhe a comida e a roupa para si e seus filhos e ouvia as suas lamúrias quando me surge um rapazola a fumar com uma tangera na mão.

— Quem é aquele rapaz? — Perguntei.

— Está com a minha filha.

— Ele não trabalha?

— Não. É um malandro. — E começou a chorar. — É um malandro e bate-lhe. E o meu marido é a mesma coisa. Nunca trabalhou e também me bate.

Fui com ela à farmácia. Aviei várias receitas, algumas com a data de Setembro, e voltei para a minha vida, derrubado. Sim, derrubado e vencido.

Por este caminho, a miséria tem a vitória na mão. Eles recebem o que se chamou rendimento mínimo e agora de inserção social. Dá para manter os vícios e não sei se resta algo para as necessidades básicas.

Sempre defendi que os pobres precisam de ser ajudados. O auxílio que o Estado dá, foi reduzido e é mínimo. Muito menor do que o necessário às elementares necessidades das famílias, mas... a ajuda não pode ficar por aqui. É necessário, como foi dito, obrigá-los a trabalhar. A um rendimento mínimo deve corresponder, pelo menos, um trabalho mínimo.

Sei, por experiência que é mais fácil ao Estado dar dinheiro, do que obrigar ao trabalho. Para instruir no trabalho é preciso gente que conheça bem a situação,

Continua na página 4

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Perto dos corações

INQUIETOS, como muita gente, também com o custo de vida, embora a Providência não falte, no momento de ser recarregado o reservatório do gás, junto ao edifício da Escola, actualmente nosso Centro de Estudo, eis que irromperam desordenadamente muitas vespas, agressivas, de um velho tronco de árvore, desvitalizado.

Aproximámo-nos fugidios e verificámos, afinal, que uma toca nesse cepo de oliveira tem servido de abrigo manhoso para esses insectos.

Os miúdos, nos intervalos dos deveres escolares, perto da entrada nascente, chegam a pular por perto. Porém, quando as avistam temem naturalmente as picadas dos seus ferrões, pois são muito dolorosas.

Envolvidos neste cenário criatural, bem real, de um vespeiro, todos viram que não é lugar desejável para ninguém que se preze. Na verdade, os garotos afastam-se desse esconderijo como o diabo da cruz. Uma planta, quando a seiva não circula, acaba por secar.

Não aconteceu, assim, com o lenho do estábulo de Belém, explicado plenamente no madeiro do monte Calvário. A manjedoura em que Se deitou o Menino foi elevada como árvore do Sacrifício redentor,

Continua na página 4

Pelas CASAS DO GAIATO

DOUTRINA

Pai Américo



Notícias dos nossos irmãos

EU passava e recebi recado para ir ao Barredo. Convite de um Pobre para visitar Pobres. Tomei nota do número da porta e disse sim. Eu sou o recoveiro dos Pobres por misericórdia de Deus. Quisera regressar à vida que tinha e espero fazê-lo antes de entrar na velhice: visitar Pobres! Quem merece!

CHEGOU a hora e levei o Júlio na minha companhia. Parámos à beira da casa. Pelo número, era ali. Hesitei. Tratava-se de uma taberna. Ora a taberna nunca foi morada. Enquanto espreiro, vejo dentro o pai de um dos nossos «Batatas». Era ele. Conhecia-o bem. Entrei. Loja funda. A profusão de luz mostrava pipas de vinho e prateleiras de iscas. Um homem ainda novo atendia os fregueses. Dirigi-me ao meu conhecido. Sim. Morava ali.

— Mas é uma taberna!

— Sim. Moro aqui.

EU olho em redor, meio desorientado. Júlio estava ali ao pé. Crianças; inúmeras crianças famintas, tristes e desgredadas sobem e descem continuamente os degraus da escada que diz para os andares; o que muito mais me desorientava. Nisto, aparece a pessoa que ontem me solicitara a visita à família pobre. Antes que algo me dissesse, adiantei eu.

— Mas que é isto? Onde estou eu?

— Suba, padre. Suba as escadas.

SUBIMOS as escadas. «Olhe; é ali.» Uma alcova interior. Uma rapariga deitada, cheia de febre, espera a sua hora. A mãe está ali. «Sou carrejona.» Nisto oiço: «Ai que eu desmaio.» Era o Júlio. O Júlio não suportava o ar pestilento. «Sai já daqui.» Júlio safu. Ficámos nós três: mãe, filha e eu.

— Hospital?

— Não aceitam. Se não fosse este homem, dormíamos na rua.

— Mas quem é este homem? Que casa é esta? Aonde estou eu?

Foi então que descobri a meada. Estava num «hotel». Ali era um dos «quartos». As crianças que subiam e desciam escadas, pertencem às famílias «hospedadas». Um «hotel». Perfeitamente lógico. Comecei a ligar a vida nos hotéis que todos nós conhecemos e dá certo com a destes que eu não conhecia — nem tu, leitor! Lá como cá — crianças, degraus, quartos, famílias — tudo.

O pai do meu «Batata», que não mais me perdeu de vista, espera por mim e quer em todo o modo que eu vá ver o seu «quarto». É no mesmo piso; no primeiro andar.

— Pago sete escudos.

— Por mês?

— Não. Por dia!

A mãe da moribunda, num «quarto» mais «modesto», paga seis mil reis! Seis escudos por dia. Todos pagam assim e têm de andar em dia...

MAIS famílias nos andares cimeiros. Mais coisas que eu vi; outras que escutei. Tudo para calar e sofrer! Venho-me embora. Júlio esperava-me: «Eu ia desmaiando». Subíamos de braço-dado as ruas estreitas e sujas. O rapaz quer saber se eu não tinha dores de cabeça. Eu trazia dores comigo, sim. Uma dor. Dor minha. Mas disse-lhe que não. Outra vez pergunta o Júlio se eu me não vou desinfetar. «Não se desinfecta?» Estávamos agora na Mouzinho da Silveira. Júlio despediu-se e eu fiquei sozinho. Não via nem ouvia ninguém e mais as ruas iam cheias. Cheinhas de gente.

FIZ contas. Tomei uma das quatro operações que em pequeno aprendi e com ela fiz esta descoberta: o proprietário de uma boa casa na Avenida da Boavista, com renda actual, recebe menos dos seus inquilinos do que dos seus hóspedes o sublocatário do «hotel». Vamos dizer mal dele? Não o faço eu. A mãe da moribunda, que lhe dá seis escudos por dia, não o faz. Louva-o. «Se não fosse este homem morávamos na rua.»

Mas eu fiz mais contas. Como não via nem ouvia ninguém, fiz contas. Ei-las: todas as famílias instaladas no «hotel» procuram com a sua habilidade e encontram actividades aonde ir buscar a renda: «Eu sou carrejona». Trabalham. São prestáveis. Mais. Uma das casas dos bairros que agora se fazem para uso e utilidade dos Pobres, custa menos do que as taxas do «hotel». E o Júlio não desmaiaria se lá entrasse.

ORA sendo as contas tão boas de fazer; estando os factos tanto à vista; dizendo-se por aí a cada passo que o ser humano é que é o valor e a riqueza; sendo as coisas assim, como não hão-de ser tortas as avenidas que se rasgam e mentirosas as grandes casas que se levantam, enquanto as não fizermos, pequeninas, a bem dos humildes que as esperam?! «Se não fosse este homem dormíamos na rua.» E este homem explora.

Assim se louva a iniquidade por nossa culpa!

Do livro *Doutrina*. 2.º vol.

MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

ASSINANTES DO JORNAL — Aproveitámos, aqui, para pedir licença e mandar um recado aos nossos Amigos da região Centro, que vem da sede da nossa Obra, sobre a sua situação de assinantes e leitores, informando para a nossa morada em Miranda do Corvo. Já agora, enviamos a todos os nossos Amigos votos de feliz Natal e paz para 2012!

CONTACTOS — Às vezes, perguntam-nos como e para onde nos podem contactar, conforme o meio que utilizam. Eis os nossos contactos:

Obra do Padre Américo, Casa do Gaiato, 3220-034 Miranda do Corvo; Telef.: 239 532 125; Fax: 239 532 099; E-mail: gaiatomiranda@sapo.pt e NIB: 003504680000557733018.

VISITANTES — Recentemente, tivemos a visita de duas excursões com pessoas amigas da nossa Casa. A 27 de Novembro, Domingo, vieram visitar-nos vários amigos e amigas de S. João da Madeira. A 4 de Dezembro, foi a vez de Castelo Branco. Como sabem das nossas aflições, deram ajudas que agradecemos muito. Celebrámos a Eucaristia na nossa Capela, e almoçámos no salão e no refeitório, respectivamente. Foram dias bem passados, em que demonstraram a sua grande amizade. Muito obrigado a todos!

OBRIGAÇÕES — Os serviços de copa e sala, de manhã, antes da saída para as Escolas, são feitos por alguns Rapazes do 1.º Ciclo, como Diogo Madeira, Arménio, João

Madeira e Edgar. Depois do jantar, as obrigações são feitas por quartos, desde o 1.º andar ao rés-do-chão, em cinco turnos de 3 Rapazes, a começar pelo quarto de frente para a nossa Capela. Aos Sábados, Domingos e feriados, o serviço de cozinha é assegurado pelo Sr.ª D. Nazaré, com a ajuda de alguns Rapazes, como o Arménio e por ordem alfabética dos seus nomes.

AGROPECUÁRIA — Depois da deslocação a um lagar, em S. João de Brito (Ansião), a 24 de Novembro, onde foram mofados vários sacos de azeitonas, continuou-se na apanha manual e poda nos outros olivais. Temos aproveitado o que é possível, mas caíram muitas azeitonas no chão. □

PAÇO DE SOUSA

ALDEIA — Depois da sementeira, a nossa horta, pouco a pouco, tem despertado e deslumbrado os olhos de quem passa. Daqui a alguns dias já estaremos a usufruir daquela horta bem cuidada. Na semana passada colheram-se todos os dióspiros do nosso Pomar e também varremos todo o manto de folhas espalhadas pela nossa Aldeia. Agora as nossas árvores estão a ficar despidas.

LENHA — Com o frio que se faz sentir e com as novas instalações que a Casa 3 tem, temos aproveitado a lenha que se encontra no nosso telheiro para aquecer-nos e aquecer a água dos nossos banhos. E como o gás actualmente está caro, os nossos cozinheiros, aos domingos, e as nossas cozinheiras, durante a semana, têm aproveitado para fazer comidas deliciosas com o nosso forno.

VISITAS — Temos recebido visitas de escolas, famílias e grupos de catequese, trazendo donativos, produtos alimentares e, até, produtos higiénicos. Muitas dessas visitas — como aconteceu com o grupo de catequese que nos visitou no passado fim-de-semana — partilham a sua merenda connosco. Um grato abraço e um Feliz Natal.



ORDENAÇÃO DO «QUINTINO» — No dia 8 foi ordenado diácono um antigo gaiato, o nosso Quintino, que viveu debaixo da bandeira da Obra, na Casa do Gaiato de Paço de Sousa, durante 17 anos, oriundo de Vila Flor. O nosso Padre Júlio, o Vicente, o Daniel e o «Guga» estiveram na Sé de Setúbal, bem como o nosso Padre Acílio. Que o Pai Américo te siga e que tenhas uma boa caminhada.

Zé Reis

DESPORTO — Jogar com o Inter Milheirós F.C., começa a ser daqueles jogos Inter-Família. Foi o que aconteceu no penúltimo fim-de-semana. Recebemos os Juniores do Inter e, como não podia deixar de ser — apesar de um ou outro lance mais viril — tudo correu com a maior normalidade.

A comitiva fez-se transportar toda ela em carros particulares e carregados de sacos para nos deixar. Dizem eles que tudo foi resolvido à última da hora, que faria se não fosse — digo eu!

Antes do jogo, já o treinador falava em nos deslocarmos à Maia, assunto que ficou confirmado mais tarde, pelo presidente, senhor Rui Borges, já nosso conhecido de outros anos.

Gente maravilhosa. Desde o treinador, impecável, até ao presidente, que tudo vai fazer para que os nossos Rapazes possam jogar no próprio estádio da Maia — e não só!...

O treinador do Inter faz questão de, quando se lá for, levar o Bruno, um dos guarda-redes suplentes. Diz ele que se nota alegria no sorriso do nosso Rapaz e prometeu-lhe umas chuteiras novas. Ainda há quem diga... o que não é verdade. Afinal, os Rapazes na Casa do Gaiato vivem e riem-se com satisfação!

Com os nossos sorrisos, continuamos a resistir às tempestades e às perturbações; alheamos-nos às más condutas e desprezamos a falta de carácter e de palavra, bem como falsos testemunhos, actos, esses, que, fazem parte de uma falsa sociedade...

E mais! Quando a representante da BBC em Portugal, Miss Margery Withers, visitou a Casa do Gaiato e perguntou a Pai Américo: «Como consegue o senhor Padre Américo prender aqui dentro, tendo sempre as portas abertas... tantos rapazes da rua?». Pai Américo convidou-a a subir à varanda da Casa-Mãe e, logo a senhora da BBC: «Que admirável isto é!» — «Gosta?! Pois se gosta, também os Rapazes não querem mais sair daqui!» — retorquiu Pai Américo.

Em relação ao jogo, não foi fácil para os nossos Rapazes conseguirem levar a deles avante. «Botija» inaugurou o marcador; Joaquina fez o 2-0; o Inter, aproveitou o nosso «Garnisé» fora da «capoeira» — andava na lua! — e fez o 2-1.

O Jogo, nesta altura, andava com alguma poeira no ar, mas logo que assentou, Hugo Pina, resolveu e fez o 3-1, resultado final. No final do jogo, toda a gente se cumprimentou e alguns, até se conheciam dos jogos das escolas.

Uma semana depois, fomos até Leça do Balio. Nem tudo foram rosas, já que os nossos Rapazes, perderam mais tempo a tirar o pó à bola do que tentar surpreender o guarda-redes adversário. Perderam muito tempo a fazer meiguices à redondinha. Impressionante!

Por muito que se diga que... é preciso ser mais objectivo, há alturas que não dá! Ao contrário do que alguns «entendidos em tudo» que dizem..., mas não, nós até procuramos ser bons conselheiros, lidamos com eles de perto — não quando o rei faz anos! — conhecemo-los muito bem... e, somos um grupo de Amigos que gostamos de futebol, gostamos de conviver em ambiente puro e não somos um partido político!

André «Garnisé» ainda fez o gosto ao pé, apesar dos dois «capões» que sofreu. Há dias assim! Por muito que se tentasse, elas também não entravam. Ora na barra, ora no poste, ora... a reclamar o falhanço do colega. Enfim! Não estávamos em dia sim. Resultado final: Leça 3 vs Casa do Gaiato 1.

Para terminar, há que dizer que fomos muito bem recebidos e deixamos a porta aberta para futuros jogos; aqui, está a nossa grande vitória!

Alberto («Resende»)

Maputo – Culpas e preocupações

«QUANDO te vimos...?»
Dois sentimentos: o de desculpa e o de preocupação, tomam de assalto o meu pensamento, quando na solenidade de Cristo Rei e Senhor do Universo, o Evangelho apresenta o quadro majestoso de um Rei que fala surpreendentemente da forma como se constrói o seu Reino e da sorte de cada um conforme se deixou conduzir: pelo amor ou pelo egoísmo.

Pai Américo compreendeu que Jesus sofria nos pobres, nos pequeninos, e deu uma resposta de amor às suas necessidades. É exactamente aqui onde a Obra encontra a sua vocação, na assistência que presta aos clamores dos mais pequeninos. Hoje, ainda, o mundo continua com problemas muito sérios para resolver: a questão da fome, das doenças, da nudez, etc.

Anda o povo sem saber o que fazer, dum lado para o outro, atrás duma suposta solução ao problema da seca. Os campos deixaram de oferecer pastagem para os animais. Os camponeses de enxada na mão, na expectativa do que virá a acontecer, unem-se aos sentimentos de muitas outras vítimas que clamam por um fio de água que faça crescer as suas plantações — única fonte do seu sustento.

As pessoas honestas gostam de viver do seu próprio trabalho

e esforço. É pena quando temos forças para desenvolver seja o que for, para o bem da comunidade, e somos impedidos por quem podendo fazer não faz e não deixa que outros façam. Nem se salvam nem deixam que os outros se salvem. Param à porta, e tiram a oportunidade e o direito dos outros poderem entrar. Que pouca visão de cooperar para o bem comum.

Os olhos pregados no alto da serra quente, esperam ansiosos pelas gotas preciosas. Onde virá? O Pai celeste fará nascer o sol e cair a chuva sobre bons e maus. E ainda, em verdes prados levará as suas ovelhas a descansar. Verdade pura, com duplo sabor: esperança e gratidão. Atitudes e disposições mais do que favoráveis para os semeadores do bem.

As sementes foram lançadas à terra e não há sinais de chuva. Os rebentos que a mãe terra fez germinar, com a ajuda do orvalho da manhã, estão a perder a vitalidade. O que será da nossa gente se os campos não produzirem? Continuarão as incertezas da colheita a dominar a mentalidade da nossa gente no acto da sementeira? Nos nossos campos lavrados e já semeados, ainda não vemos sequer um rebento a germinar. Para quem tem de esperar pela água da chuva, é uma situação muito complicada e ingrata. Perdem-se as sementes ou parte delas, o trabalho das

máquinas, pagar aos operários, sem falar do desgaste do homem. A pequena lagoa da fazenda já está quase seca; temos que nos contentar em apanhar o peixe que lá está preso na lama. Que divertimento para os rapazes vai ser. Alguns já andam a tentar ensaiar como se apanha o peixe, sem permissão. É o ambiente natural e saudável que Pai Américo tanto quis nas nossas comunidades, como factor impulsionador para a prática da responsabilidade e o cultivo dos valores. No fundo é o exercício acompanhado e necessário da liberdade que o rapaz não teve lá fora, onde tudo lhe era proibido e atormentador. Neste sentido a rua passa a ser uma autêntica prisão natural e viciosa de menores.

A terra tem sede...

O que os campos cultivados não podem dar, se encarrega de os dar o coração. A miséria só cresce assustadoramente à nossa volta, quando o coração é pobre. O problema não está na produção, mas na pequenez da alma. É urgente pôr o coração a trabalhar ao serviço do bem, se ainda for a tempo. Quem ama, aos poucos deixa o tempo e o espaço e entra na eternidade. Assim ocupando o presente fazendo o bem, nem a culpa nem a preocupação ofuscarão o itinerário que busca a realização de objectivos a favor do ser humano.

Padre Quim

SETÚBAL

Padre Acílio

Um passeio

Conduzida por um *samaritano*, em seis grandes autocarros, uma multidão de gente deu um passeio, deslocando-se a esta Casa, onde depositou as suas ofertas natalícias, em alimentos. Uma iniciativa emanada de um Alfredo, nosso desconhecido, que aqui trouxe os seus conterrâneos e amigos numa excursão denominada *Alenfranca* — e cumprida anualmente.

Foi uma agradável surpresa, tanto a acção como a forma discreta e quase oculta do seu competente organizador. Tendo-nos perguntado pelas nossas necessidades e feito uma lista de todas, transpô-las para o coração dos seus clientes e amigos, os quais responderam de forma generosa e feliz.

Os veículos vinham numerados e, em Casa, arranjam dois cicerones para cada um, encarregados de conduzir as pessoas, organizadas em grupo de cada autocarro, as quais contemplaram as maravilhas e a beleza da nossa Casa.

Um rancho começou pelos animais; outro, pelos campos; outro, pela cozinha e sala de jantar; outro, pela Capela; outro ainda, pelo campo de futebol; e o último, pelos jardins — mas todos correram a Casa toda, observando tudo, sem se atrapalharem uns aos outros.

Os rapazes-guias, iam explicando o porquê das instalações, a utilidade de cada uma para a educação e desenvolvimento dos seus companheiros, acentuando, sempre com verdade, o envolvimento de cada rapaz na manutenção das coisas e dos animais.

No fim, tive um breve encontro com as pessoas e fui dando conta da novidade que é, ainda hoje, a Casa do Gaiato: *pela nossa pobreza e entrega total* aos rapazes dia e noite, sábados, domingos e feriados, como os pais fazem aos seus filhos; *pelo compromisso* de cada um dos rapazes, na vida de todos em fraternidade genuína, frutificando em saudável afecto; *pela estabilidade familiar* que a Casa do Gaiato garante a cada filho, acolhendo-o até que ele construa a sua liberdade económica e maturidade afectiva, por forma a sair desta, para a família que vai criar.

Os chefes deram, a cada pessoa, um exemplar do nosso jornal, uma pagela de Pai Américo e muitos compraram tangeras e tangerinas do nosso pomar, que estão uma delícia.

Acho que lhes animamos a fé e os deslumbramos com o encanto da Casa do Gaiato, o qual jamais esquecerão. Eram pessoas dos arredores de Alenquer e Torres Vedras, de idade madura, havendo, também, alguns jovens e crianças.

O que nos ofereceram foi muito, e será, sobretudo, para matar a fome a tantas famílias que, continuamente, nos demandam.

Tribunal

De vez em quando torna-se necessário chamar os rapazes à razão, à verdade e à justiça. Isto é: formar-lhes a consciência, na rectidão.

Quando o fazemos em comunidade chamamos-lhe *tribunal*.

Este costume de extirpar os defeitos da rapaziada, envolve um conceito sublime que não tem nada a ver com os tribunais da sociedade civil, hoje, mas pela elevação e eficácia comuns tem este nome, criado por Pai Américo que o deve ter bebido, segundo julgo, nos antigos capítulos do convento onde viveu dois anos.

Eram três pequenitos de sete e oito anos. O chefe, após o Terço e antes do jantar, chamou-os ao meio da sala, diante de todos, pedindo-lhes explicações porque tinham atirado pedras aos vitelinhos.

Os vitelos, com quinze dias de vida, para apanhar sol, enriquecedor de vitaminas, vão para um largo livre de areia, presos cada um à sua casota, onde pernoitam. Os rapazes levam-lhes leite, água, ração e palha. Só quando atingem dois ou três meses, são deslocados para uma divisão da vacaria.

Os pequenos foram brincar para o meio dos vitelos, no largo térreo, e divertiam-se a atirar-lhes pedras com uma fiska feita de um gargalo de garrafa plástica, a que amarraram um pequeno balão de borracha. Pelo gargalo enfiaram as pequeninas pedras e agarravam-nas enquanto esticavam o balão e largavam-nas pelo referido gargalo, apontando contra os bezerros. Um dos chefes presenciou a cena e, antes do jantar, chamou-os a juízo.

— Para que são os vitelos?

— São para matar. — Disse um deles.

Os rapazes não se contiveram e a risota ia-se pegando a mim.

— São para matar quando forem grandes e gordos. É deles que se fazem os bifés que vocês comem. — Esclareceu o chefe, muito sério. — E as vitelinhas quando forem vacas grandes irão dar-nos o leite que a gente bebe. Para que lhes foram atirar pedras? — Continuou o chefe.

— Era para treinar a pontaria! — Nova gargalhada.

— Com os vitelos não se brinca, ouviram. Os bezerrinhos precisam é de mimo e festinhas.

Tirou-lhes a fiska e:

— Se tornar a acontecer, castigo-vos! □

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

PATRIMÓNIO DOS POBRES — Várias das pessoas que acompanhamos residem nas casas do Património dos Pobres da paróquia. Sendo estas casas da responsabilidade da Comissão Fabriqueira, tem havido sempre uma boa articulação entre esta comissão e a nossa Conferência no que se refere à colocação de pessoas nas casas e na manutenção e melhoramento das mesmas. Os custos desta manutenção e melhoramento têm estado a cargo da Conferência Vicentina, como devem saber os leitores que nos acompanham com mais regularidade.

Actualmente há algumas casas que estão a precisar de obras de algum vulto, mas isso é assunto que deixaremos para outra crónica.

Hoje queríamos só dar-vos conta de uma acção que a Comissão Fabriqueira e a nossa Conferência vão realizar nos próximos tempos com os utentes destas casas. Como seres humanos que são, nesses utentes há de tudo. Há quem use bem as casas e as procure conservar o melhor possível. Há quem não se apodere das casas como sendo coisa sua. Há, também, quem não procede assim. Até hoje nunca se passou a escrito o “contrato” implícito que existe entre os utentes destas casas, por um lado, e a Comissão Fabriqueira e a Conferência Vicentina, por outro. É preciso alterar esta situação e passar a escrito esse “contrato” implícito, sob pena de se criarem

situações onde esse património fica comprometido para uso futuro de pessoas que venham a precisar dele depois de já lá não estarem os seus actuais utentes.

Como procuramos ir dando conta aos nossos leitores de tudo o que mais relevante vamos fazendo, não vos queríamos deixar de dar notícia disto, porque também disto é preciso para darmos bom

uso aos vossos contributos para o nosso trabalho.

Para todos os Leitores, votos de um Santo Natal.

Os nossos contactos:

Conferência de Paço de Sousa,

A/C Jornal O Gaiato,

4560-373 Paço de Sousa

E-mail: carvalho.mendes@sapo.pt

Telem.: 965464058. □

RETALHO DE VIDA

Hernani

CHAMO-ME Hernani Avelino Cassua. Nasci aos 6-10-1987, em Malanje (Angola). Entrei para Casa do Gaiato de Malanje em 15-5-2002. Por motivo de lugar na casa, fui transferido para o Lar da Carianga, com o nome actual de fazenda da Carianga, e lá fiz o ensino primário. Em 2005 fui transferido «para Casa», isto é, do Lar para o Gaiato.

Em 2009 fui eleito como segundo chefe, algo que nunca esperei e não gostaria de ser — um dos responsáveis da Casa e da Comunidade. Tendo em conta ser a primeira experiência, daquilo que não gostaria de ser, naquela fase, foi muito difícil porque os problemas e os afazeres são diferentes de um rapaz para outro, e era-me muito difícil sistematizar tais problemas. Também porque o espírito de «amiguinho» ainda reinava em mim, ainda não me sentia bem integrado no cubículo dos chefes. Mas como me foram ajudando nesta difícil missão, graças a Deus e às chamadas de atenção, mudei e tive que ganhar uma capacidade de domínio pessoal dentro de nossa Casa.

Já como chefe-maioral, eleito em Dezembro de 2010 e, novamente, em 2011, estava seguro e bem consciente do espírito de sacrifício que esta tarefa exige. O medo fora ultrapassado e esforcei-me por me tornar um chefe social, bem relacionado com qualquer rapaz — um amigo de qualquer um, sem distinção.

Para terminar, independentemente dos objectivos de cada rapaz, é tarefa dos chefes e padres saberem quando e como intervir para desviar os obstáculos que podem ser condicionantes para que cada rapaz alcance os objectivos previamente fixados. Por isso, digo a todos que ainda não passaram por esta experiência, que é mais fácil ser mandado do que mandar. □

MALANJE

Padre Rafael

Cooperação Missionária

HÁ dias, recebi uma carta onde me pediam umas linhas sobre este tema: Projectos, ajudas, dinheiro, associação de amigos... E, na verdade, nas Casas do Gaiato vivemos esta realidade a partir de uma abordagem muito simples.

Antes de chegar a África, as pessoas com quem me encontrava diziam que não se importariam de ajudar o *terceiro mundo*, se tivessem a certeza de que as ajudas lá chegassem. Por minha parte, dava-me sempre a mesma resposta: «É melhor que fiques com o teu dinheiro, se não confias». Também se apresentavam inúmeras organizações religiosas e ONG's... com projectos para serem financiados, e que eram desacreditados porque, às vezes, o dinheiro era gasto em aspectos estruturais e então as pessoas recusavam ajudar porque não tinham a certeza do destino das ajudas. Por minha parte, continuava a dar-me a mesma resposta: «É melhor que fiques com o teu dinheiro, se não confias». E porque não falar daqueles que

diziam ter um amigo em Missões, e decidiam dar-lhe a ele porque sabiam que assim chegava ao que necessitava? Pela terceira vez me respondi do mesmo modo: «É melhor que fiques com o teu dinheiro, se não confias».

Ao chegar a África, dei-me conta do enorme erro em que havia estado durante tanto tempo. Porque confiar é algo que só se adquire com a prática. Aqui há muitos missionários que trabalham incansavelmente, apoiando aqueles que mais sofrem. Missionários que se desgastaram no meio da guerra e da fome. Missionários que trabalham merecendo comer e vestir-se como qualquer pessoa do *primeiro mundo*. Missionários desiludidos que sobrevivem no meio de um mar de problemas. Missionários que superaram todos os fracassos humanamente possíveis. Missionários que continuam a crer que amar é renovar a confiança. Por isso, agora me respondo: «É melhor que partilhes, para aprenderes a confiar».

Nós, os Padres da Rua, somos mendigos infatigáveis. Como

padres diocesanos, vivemos com a nossa Comunidade e partilhamos tudo com ela. Quando nos pedem que escrevamos um projecto, para nos ajudarem, achamos muito difícil, é como perguntar a um pai o que necessita para a família: «Tudo e nada». Em nossa Casa do Gaiato de Malanje, todos os rapazes sabem o que temos e participam da administração da Casa. Respondo à necessidade conforme vão aparecendo e vivemos uma pobreza solidária que nos ajuda a sentirmo-nos mais Família.

É necessária a Cooperação Missionária em todos os aspectos, porque a realidade que vivem os missionários é, às vezes, de um sacrifício sobre-humano. O apoio material é importante, mas também é verdade que, se não existe, temos que nos esforçar em nossos trabalhos e conformarmo-nos com o que temos. Quando se trata de pessoas que vêm para ajudar, sentem-se tão desiludidas como nós quando chegámos.

Em conclusão, quero dizer que apoio indiscutivelmente tudo o que seja cooperação com os Missionários. Depois de chegar a África compreendi aquele sacerdote que doava metade do seu sustento às missões e me dizia: «Já que eu não posso ir, que não lhes falte do que a mim me sobra». □

BENGUELA

Padre Manuel António

AS férias escolares tiveram o seu início. O resultado completo do ano lectivo será conhecido, em breve. O bom aproveitamento deste período importante da vida dos filhos constituiu uma preocupação constante. A escola, ao lado do refeitório, são dois pilares insubstituíveis na construção do edifício humano. Pai Américo, no seu projecto educativo para a Casa do Gaiato ajudar cada rapaz a ser um homem, lançou a raiz. Uma das causas do fracasso de muitos filhos, no aproveitamento escolar, está na falta de acompanhamento dos mesmos, da parte dos pais ou seus representantes. Temos o exemplo da nossa própria vida. Os rapazes que puderam ser mais acompanhados na sua escola tiveram resultados positivos diferentes. É um exemplo que nos anima a ter sempre mais cuidado, nos próximos anos lectivos. Os pais e os educadores responsáveis conhecem esta verdade.

Este período de férias traz uma preocupação que deve ser assumida com muita responsabilidade. A ocupação do tempo livre das actividades escolares é um factor determinante no crescimento humano equilibrado das crianças, adolescentes e jovens. Se for bem aproveitado, com actividades saudáveis e educativas, o processo de crescimento não sofre interrupção. Na nossa vida diária levamos esta grande preocupação. Acreditamos que os pais e educadores responsáveis pensam e sentem da mesma maneira. Há momentos, um rapaz dos mais velhos e mais responsáveis veio ter comigo a perguntar se podia organizar uma ocupação boa para os mais pequenos. Fiquei contente. Já tinham feito a sua tarefa diária obrigatória. E agora? Era tempo livre. Por isso, este serviço de acompanhamento é sempre uma grande ajuda. Quem dera os irmãos mais velhos duma família como a nossa estejam dispostos a ajudar os irmãos mais novos, sobretudo com o seu exemplo!

Ao contemplarmos o mundo de crianças, fora das nossas portas, ficamos inquietos. São multidão, sem o acompanhamento mínimo que as ajude a crescer para se tornarem cidadãos duma pátria feliz. A fuga da paternidade responsável continua a ser uma chaga social muito viva. Há momentos, uma pobre mulher, mãe de três filhos, ainda pequeninos, bate à porta do nosso coração, com as lágrimas nos olhos, a pedir ajuda. O pai dos filhos onde está? Abandonou a mãe e os filhinhos. Desapareceu. E agora? É necessária uma acção e vigilância mais eficaz das forças vivas da sociedade. Estas criaturas, mães e filhos abandonados, necessitam dum acompanhamento mais familiar no local onde vivem. Não basta, nem resolve o problema qualquer ajuda isolada. Quem dera o amor fosse a alma dos cristãos e não cristãos! Ninguém pode ficar indiferente. É preciso dar a vida para que os outros, vítimas inocentes, tenham vida e tenham em abundância. Estamos em pleno tempo do Advento. Que mais e melhor podemos fazer do que amar mais e melhor. Partilhar algo do que somos e temos com os que nos estendem a mão cheia dum coração necessitado é a resposta mais alta dum coração humano. A indiferença e o egoísmo são sinais de morte, não de vida.

Um acontecimento feliz está à nossa porta. A família unida e estável é a maior garantia da felicidade e segurança dos filhos. A sociedade fica mais rica. Estou a falar-vos do casamento do Eng. Zacarias e da Josefa, dentro dalguns dias. O sacramento do Matrimónio vai unir os seus corações para toda a vida. O Zacarias cresceu, desde pequenino, nesta nossa Casa do Gaiato. É uma chave de ouro para estas notas. □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

Continuação da página 1

saiba trabalhar e conduzir humanos e, o que é mais raro, seja capaz de amar sem desfalecimento. Pôr a trabalhar pessoas que não têm hábitos nem disciplina de vida; homens encharcados numa cultura de ócio e prazer que algumas televisões são pródigas em fornecer cativamente, só com uma disciplina forte que demagogicamente suscitará muitas críticas e reacções negativas. Mas não há outra forma de estancar a miséria. Sem este processo é uma ilusão lutar contra a pobreza. Só o trabalho redime o homem.

Vejo, com muita alegria, que as crianças e adolescentes, favorecidos por estas ajudas do Estado, são obrigados a frequentar a escola e se faltarem, sem motivo justificado, perdem o benefício. É urgente que, para os pais, se crie a mesma regra em relação ao trabalho. Aos pais e aos filhos quando atingindo a maioridade, não estudem nem trabalhem. É uma questão de justiça e de educação social.

Segundo a natureza, o trabalho é tão exigente como a comida. A lei divina posta de parte, por gente cega, corrobora de forma clara com esta constituição, gravada na consciência humana, «quem não trabalha não coma».

Um homem trabalhador é uma pessoa salva, caminha para a sua própria realização. O trabalho traz consigo a alegria de viver e conviver.

Fazer trabalhar é, assim, uma dádiva muito mais valiosa e importante, apesar de mais amarga e mais difícil, do que um bem material gratuito.

Se a mãe tem filhos e cuida da casa, o que acontece com poucas excepções, a mãe já tem afazeres muitas vezes demais, mas o pai, não pode viver encostado à família.

Quando contemplo ranchos de homens sentados ao sol, a vaguear nas ruas ou abancados nos cafés, verifico como é vã esta política fácil. É forçoso obrigá-los a trabalhar e este encargo impende sobre o poder civil.

O governo actual disse, no seu princípio, que iria tomar a questão a sério, mas, até agora, só diminui os auxílios, facto que tem acarretado muita fome e mais miséria. □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Continuação da página 1

irradia Luz e Vida para a humanidade. Porque carga de água querem agora alguns iluministas mudar a *era de Cristo* para a *era comum*?...

A pessoa humana, ferida pela iniquidade, maltratada, foi então renovada pela humildade divina. Tocam-se, na Carne de Jesus, o céu e a terra! Com este movimento descendente não fica sem sentido a tribulação humana. *O Senhor está perto dos que têm o coração atribulado*.

Se aquele perigo das vespas desorientadas nos deixou embaraçados, muito mais uma lamentação que chegou à luz do Natal e espicou para o grande segredo da acção social eclesial, do qual não nos podemos afastar, sob pena de se deturpar a Caridade em simples assistência, sob controlo estatal, à mercê de qualquer vento e maré.

A comunhão é uma marca distintiva dos cristãos, muitos até anónimos e de todas as pessoas de boa vontade. Eis, pois, umas letras de agulha, na diagonal de postal amigo: «Tenho muitos problemas, mas graças às vossas orações, as quais agradeço muito, cá me vou aguentando e o meu filho tem andado controlado, pois é *toxicodependente*». Este jovem tem uma mãe próxima, mesmo angustiada, em cujo presépio de esperança ele viu a luz, mas que agora só com a força do Alto se mantém vigilante.

Quantos adolescentes e jovens é emergente livrar das malhas sujas que vão picando e contaminando incautos, tantos deles menores, e que são presas fáceis de predado-



res sorrateiros e gananciosos. A população escolar é um dos alvos apetecidos por esta teia feroz e destrutiva.

Os samaritanos não se podem encandear no seu caminho com miragens do poderio lupino, em pele de cordeiro, conforme nos têm dito: — *Porque não fazem um contrato?*... Não somos senhores de nada, nem dos filhos dos Pobres, mas ao serviço deles e servos do único Senhor! É melhor seguir no rasto dos pastores, que viviam do seu trabalho, rude, e O reconheceram como o *Deus que salva*.

E não é da vontade do Pai celeste que se perca um só dos pequeninos, como também quis ser, de forma que o Seu coração batesse como e com o de toda a criatura humana.

Com palpitações ficámos nós e

de sentinela na noite, neste tempo chegado à maior consciência da humanidade divina, quando sentimos tremer o sossego de um menino, nesta Família, filho de pai incógnito...

Bem à vista, foge o pequenito a *sete pés* das vespas, com genica, saltando de contente, no seu ninho, e agora mesmo balbuciou: — *Quero a bola de matecos!* Quem dera que os donos das bolas dos poderes não façam dos pequenos bolas de pingue-pongue e fiquem eles prostrados na miséria, à espera de migalhas.

O seu rosto, e de todas as crianças e pobres do mundo mostramos-nos verdadeiramente como numa toca da Judeia o Pai do Céu nunca nos deixa órfãos. Quem O escuta e está perto do coração do Seu Filho não desespera na solidão, mas persevera na esperança! □